

O Cinema vai à Guerra: o século XX através da Sétima Arte

Andrey Augusto Ribeiro dos Santos¹

Artigo recebido em 25/07/2015 e aceito em 29/07/2015.

Desde a proposta do alargamento do conceito de fonte histórica, trazida pela terceira geração da Escola dos Annales, o filme entrou para a lista de fontes possíveis a serem utilizadas pela História. Assim, aos poucos a relação entre estas duas áreas foi se tornando mais próxima e os historiadores, de início resistentes, passaram a aceitar cada vez mais este tipo de estudo. Isto fica provado através do visível aumento do número de trabalhos abordando produções cinematográficas, o que mostra como o campo conseguiu se consolidar.

Aqui no Brasil, mesmo ainda enfrentando uma certa resistência, principalmente de setores mais conservadores do campo historiográfico quanto a natureza das fontes, estes estudos têm ganhado espaço. Isto fica visível no aumento do número de núcleos de estudo no país que tem desenvolvido trabalhos na área, aumentando e enriquecendo este campo por aqui. Uma das mais recentes adições a produção deste meio foi a coletânea de artigos intitulada *O Cinema vai à Guerra*, publicada no ano corrente pela editora Elsevier.

Organizada por Francisco Carlos Teixeira da Silva, Karl Schurster Sousa Leão e Igor Lapsky, contando com a participação de outros nove pesquisadores, a obra se propõe a analisar como alguns fenômenos ocorridos no século XX influenciaram a produção cinematográfica do período através de doze artigos. Como apontado pelos próprios organizadores, a maioria dos envolvidos se dedica ao estudo dos Fascismos, guerras e opções pela paz, o que aliado ao conhecimento sobre Cinema possibilitou que esta obra fosse montada.

Abrindo a coletânea o texto de Gracilda Alves, intitulado *Cinema, Guerra, Civilização e Barbárie*, aborda como os conceitos de civilização e barbárie influenciaram a produção cinematográfica através de alguns títulos indicados pela autora, como *Lawrence da Arábia* e *55 dias em Pequim*. Logo em seguida o texto de Karl Schuster trata de como outro fenômeno da virada do século XIX para o XX, profundamente vinculado a temática do primeiro texto, foi tratado pelo Cinema, o Imperialismo.

No seu texto Carlos Bahiense analisa a maneira através da qual um dos grandes acontecimentos do século passado, a Primeira Grande Guerra, aparece em algumas produções cinematográficas. Assim, o autor demonstra como consequências do conflito, sofrimentos infligidos aos soldados durante e após as batalhas ou a humilhação infligida ao povo alemão pelo Tratado de Versalhes, aparecem de diversas maneiras em filmes como *Nosferatu – uma sinfonia de horror*, *Johnny vai à guerra* e *Os Nibelungos*.

Wagner Pereira discutirá em seu artigo como o cinema espanhol foi afetado pelas diversas mudanças no cenário político e pela propaganda durante o governo do general Francisco Franco. Outro grande acontecimento deste século também é tratado aqui por dois dos organizadores do livro. Karl Schuster e Francisco Carlos Teixeira abordam as diversas formas com que as reações e o mal-estar causado pela Segunda Guerra Mundial foram representados em filmes produzidos na época do conflito e posteriores a ela.

No sexto artigo da coletânea Carlos Bahiense e Rodrigo Pinto trazem uma discussão sobre a diferença entre os conceitos de Massacre, Genocídio e Limpeza Étnica, encaixando-os dentro do conceito de Eliminacionismo. Utilizando exemplos do que seriam as três modalidades deste fenômeno, como o Massacre de Nanquim, a Shoah^{II} e o Genocídio Tutsi em Ruanda, e filmes que os retrataram os autores tentam demonstrar os fatores que diferenciam os três conceitos.

A seguir, Francisco Carlos Teixeira explora como o modelo de guerra moderno influenciou o surgimento dos movimentos pacifistas e como o Cinema foi utilizado pelos seus adeptos. Em *Cinema e Guerra Fria: entre Hollywood e Moscou* Alexandre Busco Valim analisa como a Guerra Fria se estendeu da realidade para as telas de cinema, fazendo deste uma das principais armas na tentativa de demonstrar a suposta superioridade do capitalismo sobre o comunismo ou vice-versa.

Outra guerra importante no século XX será abordada na obra, a Guerra do Vietnã. Igor Lapsky e Carlos Bahiense mostram como este conflito se transformou num grande trauma para a sociedade dos EUA, devido à derrota sofrida para um exército supostamente inferior e que, para piorar, pôde ser acompanhada pelo povo quase que em tempo real graças à cobertura feita pela mídia. As repercussões cinematográficas deste acontecimento são abordadas através de clássicos como *Platoon*, *Rambo* e *Apocalypse Now*, além de outras produções.

O fenômeno do alienígena no Cinema será tratado por Dilton e Andreza Maynard em *A Guerra entre Mundos: não estamos sozinhos!* No texto os autores nos mostram como os aliens aparecem no cinema hollywoodiano representando o outro, perigoso, agressivo que merece vigilância permanente e que sempre tenta atacar o American Way of Life. Assim, analisam a evolução da imagem dos seres extraterrestres de acordo com a ameaça enfrentada pelos EUA em cada momento histórico, desde o comunista, como em *Guerra dos Mundos* ou *Invasion of Body Snatchers*, até o imigrante negro ou latino, como em *Star Wars: A Ameaça Fantasma* e *O Predador*.

No penúltimo artigo do livro Igor Lapsky analisa a trajetória do terrorismo no cinema, desde o seu aparecimento após os atentados contra a delegação israelense nas Olimpíadas de 1972 até a intensificação de sua abordagem após os atentados de 11 de Setembro de 2001. O autor procura demonstrar como o Cinema foi utilizado na tentativa de justificar posturas e ações na chamada Guerra ao Terror, além de criticar os EUA em aspectos relacionados a política externa e segurança. Finalizando, José Maria Gomes mostra como as distopias influenciaram algumas produções como *A Revolução dos Bichos*, *Minority Report* e *Akira*.

Utilizando fontes bem adequadas a proposta de cada artigo em relação a recortes temporais, deixando claro quando o filme é produto da época analisada ou uma representação desta, a obra consegue alcançar sua proposta satisfatoriamente. Ao apresentar uma vasta quantidade de fontes, desde as mais tradicionais como livros e documentos oficiais até aqueles apontados como principal ferramenta da coletânea, os filmes, uma forte legitimidade é impressa nos trabalhos apresentados nela. Além disso, os autores conseguem demonstrar grande domínio sobre os assuntos abordados, assim como sobre o trabalho com Cinema, o que fica provado tanto nos textos quanto nas suas referências.

A obra analisada aqui se mostra como uma boa indicação para aqueles interessados nas duas áreas centrais da obra, e principalmente para quem tem interesse profissional nelas. Tanto a quantidade de fontes citadas quanto as referências comentadas são de muita utilidade para pesquisadores da área, desde os mais novos até aqueles com mais alguns anos de estrada, e professores em sala de aula. Outro fato que prova isso é que a linguagem utilizada equilibra bem o vocabulário acadêmico e o “leigo”, o que facilita a sua leitura e a estende a públicos mais variados.

Assim, creio que o desejo dos organizadores, como explicitado na apresentação do livro, foi alcançado. *O Cinema vai à Guerra* consegue ser uma obra que equilibra o trabalho acadêmico e o gosto por filmes, se configurando assim como uma boa leitura sobre Cinema e História Contemporânea, tanto para aqueles que investigam esta relação quanto para os que apenas as apreciam como uma forma de diversão.

^I Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET-UFS).

^{II} Termo utilizado para se referir ao Holocausto Judeu. Este superaria um problema quanto ao uso do termo Holocausto e sua tradução literal para se referir ao massacre empreendido pelos nazistas contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Referência Bibliográfica:

LAPSKY, Igor. LEÃO, Karl Schurster Sousa. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (Orgs.). **O Cinema vai à Guerra**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.